

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARISE VITÓRIA DE LIMA MOREIRA

**O SINTOMA COMO AJUSTAMENTO CRIATIVO NA GESTALT-TERAPIA
INFANTIL**

NATAL/RN

2017

MARISE VITÓRIA DE LIMA MOREIRA

**O SINTOMA COMO AJUSTAMENTO CRIATIVO NA GESTALT-TERAPIA
INFANTIL**

Relatório de Estágio Supervisionado de
Conclusão de Curso apresentado como
requisito para a obtenção do título de
Psicóloga do Centro Universitário do Rio
Grande do Norte – UNIRN.

Orientadora: Prof.^a Me. Mariana Cela

NATAL/RN

2017

MARISE VITÓRIA DE LIMA MOREIRA

**O SINTOMA COMO AJUSTAMENTO CRIATIVO NA GESTALT-TERAPIA
INFANTIL**

Relatório de Estágio Supervisionado de
Conclusão de Curso apresentado como
requisito para a obtenção do título de
Psicóloga do Centro Universitário do Rio
Grande do Norte – UNIRN.

Orientadora: Prof.^a MSc. Mariana Cella

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a MSc. Mariana Cella Orientadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Janilma e Francisco, duas pessoas de corações enormes, que sempre me guiaram com valores e muito afeto, me apoiaram quando decidi estudar fora da minha cidade e me dão, mesmo em frente à distância, todos os dias, forças e motivação. À minha tia Jailza e minha avó Maria, obrigada pela confiança e pela acolhida sempre que preciso. Aos meus irmãos Ítala, Winicius, Thiago e Paulo, vocês são partes importantes nessa caminhada e na minha vida, me ensinam todos os dias o significado de família e o valor das diferenças, do respeito às subjetividades, às formas de ser no mundo. À minha cunhada Patrícia, obrigada pela companhia diária, parceria e apoio.

Às minhas amigas de longa data, Beatriz, Jamilly, Julyanna e Ialana, obrigada por se fazerem ouvido e colo, a amizade de vocês me constrói como alguém melhor. Aos amigos que encontrei durante meu período de graduação, Renato Monte, Ana Júlia, Gabriela, Karoline, Rayane e Rudson, obrigada pelo encontro e por me acolherem sempre que precisei, jamais serei capaz de mensurar o quanto cresci com cada um.

Agradeço especialmente à alguns mestres que, primorosamente apresentaram-me a psicologia, suas teorias e suas possibilidades, comigo levo, o nome e, tudo que para mim representam, Mariana Cela, Glaucinéia Gomes, Fernanda Gurgel, Izabel Christina, Luciana Carla e Erick Leonardo.

À minha orientadora Mariana Cela, obrigada pelos ensinamentos, direcionamentos, apoio e valores que conseguiu transmitir durante este ano. Ao meu grupo de supervisão, Karla, Rudson, Rayane, Mônica e Dianara, que, comigo compartilharam experiências, angústias e bons momentos, e que também me ajudaram a produzir esse relatório, a vocês, minha gratidão.

Agradeço aos meus clientes da clínica, pelos encontros, pela oportunidade de escutar suas angústias, tristezas, alegrias e, de alguma forma, ter dado um acolhimento emocional. Termino o estágio e a graduação com bagagens que, jamais saberei explicar.

Agradeço por fim, os funcionários da Clínica do Uni-Rn, que tornaram minhas semanas mais alegres e que, muito me ensinaram sobre ética e parceria. Nayara, Ivanildo, Pedro, Índio, Netinho e Dêja, minhas tardes com vocês e com o nosso café, foram dignas de lembranças que levarei sempre.

RESUMO

Este trabalho se apresenta por meio de um relato da prática do estágio curricular obrigatório em psicologia clínica, que teve como suporte teórico a abordagem fenomenológica existencial, mais especificamente a Gestalt -terapia e a psicoterapia infantil fenomenológico existencial. O estágio ocorreu na clínica escola do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, sendo oferecido para as pessoas da comunidade atendimentos psicoterapêuticos. Será exposto a caracterização do campo de estágio em psicologia clínica, uma contextualização teórico-filosófica da Gestalt- terapia e seus pressupostos filosóficos e da atuação da Gestalt -terapia com crianças e por fim um relato de experiência numa perspectiva Gestáltica infantil.

Palavras-chave: Estágio. Psicologia Clínica. Abordagem fenomenológico- existencial. Gestalt-terapia. Gestalt-terapia com crianças.

ABSTRACT

This aims to present a report of the practice on mandatory curricular internship in clinical psychology, which had as theoretical support on the existential phenomenological approach, more specifically Gestalt-therapy and existential phenomenological infant psychotherapy. The internship took place in the school clinic of the University Center of Rio Grande do Norte, where is offered psychotherapeutic care to the people from the community. It will be exposed the characterization of the field of internship in clinical psychology, a theoretical-philosophical contextualization of Gestalt- therapy and its philosophical assumptions, and of Gestalt- therapy with children and finally an account of experience in a child psychotherapy on a Gestalt perspective.

Keywords: Internship. Clinical Psychology. Phenomenological-existential approach. Gestalt Therapy. Gestalt therapy with children.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REVISÃO DE LITERATURA	8
2.1	FENOMENOLOGIA	8
2.2	EXISTENCIALISMO	10
2.3	HUMANISMO	12
2.4	TEORIA BASE	13
2.4.1	Teoria da gestalt	13
2.4.2	Teoria de campo	13
2.4.3	Teoria organísmica-holística	14
2.5	GESTALT-TERAPIA	14
2.6	A PSICOTERAPIA INFANTIL DE ABORDAGEM EXISTENCIAL-FENOMENOLOGICA	17
2.6.1	O contexto da psicoterapia infantil	17
2.6.2	A psicoterapia infantil de abordagem fenomenológica existencial	18
2.6.3	A abordagem gestáltica com crianças	19
2.6.3.1	Contato	19
2.6.3.2	Awareness e consciência	20
2.6.3.3	Autoregulação	21
2.6.3.4	Contexto familiar	22
3	RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA	24
3.1	APRESENTAÇÃO	24
3.2	SESSÕES, VÍNCULO E CONDUTA	25
3.3	O SINTOMA COMO AJUSTAMENTO CRIATIVO	27
4	CONCLUSÕES	29
	REFERÊNCIA	31

1 INTRODUÇÃO

Durante o período de graduação em psicologia, realizamos um mergulho a um oceano que é o fazer psicológico, conhecemos teorias psicológicas, filosofias, práticas. Nos identificamos, nos diferenciamos, mudamos de ideias e assim vamos nos descobrindo durante esse período, depois dele também. O objetivo desse trabalho é apresentar as bases filosóficas e teóricas que me guiaram epistemologicamente.

São formados grupos referentes à cada abordagem, o grupo do qual sou integrante é orientado pela teoria Fenomenológico-existencial, mais precisamente pela abordagem da Gestalt-terapia, ele é formado por sete integrantes. Semanalmente acontece as supervisões com uma professora e psicóloga responsável.

Será apresentado os pressupostos filosóficos que fundamentam a Gestalt-terapia, sendo ele: Fenomenologia, Existencialismo e Humanismo; as teorias de base que são: Teoria da Gestalt, Teoria de campo e Teoria Organísmica-Holística. Também será apresentado a história da psicoterapia infantil, bem como a psicoterapia infantil fenomenológico existencial.

Após a contextualização teórica, será apresentado um pequeno estudo de caso, escolhido dentre os atendimentos realizados. Através da prática clínica, das supervisões e da realização deste relatório, é possível mensurar, ao menos verbalmente, a importância e relevância desta experiência. Sendo ímpar para minha formação profissional e pessoal. O caso clínico escolhido é sobre uma criança, por esse motivo pode-se encontrar no referencial teórico um capítulo acerca da área da psicoterapia infantil fenomenológica existencial.

2 REVISÃO DE LITERATURA

“ Que nada nos defina, que nada nos sujeite Que a liberdade
seja nossa substância Já que viver é ser livre”

Simone de Beauvoir

A atuação clínica do estágio nas clínicas integradas tem sua sustentação na abordagem fenomenológica-existencial, mais especificamente na Gestalt-terapia. Nesta revisão de literatura serão exibidas as bases filosóficas (Fenomenologia, Existencialismo e Humanismo), as teorias bases (Teoria de campo, Teoria Organísmica e Teoria da Gestalt), temas basilares referentes à atuação clínica na Gestalt-terapia, o contexto da psicoterapia infantil, psicoterapia infantil na abordagem fenomenológico existencial e posteriormente na Gestalt-terapia.

2.1 FENOMENOLOGIA

A base filosófica da Gestalt-terapia se sustenta por meio de figuras chaves como: Franz Brentano, Edmund Husserl e Martin Heidegger. Husserl (1859-1938) iniciou sua vida intelectual na matemática e, por meio de seus estudos e o contato com as ideias e cursos prestados por Brentano, acabou se aproximando da filosofia. O marco inicial do movimento fenomenológico de Husserl deu-se na sua obra *Investigações lógicas* (1900), nela, Husserl critica o naturalismo positivista e o psicologismo (Ewald, 2008).

Desta forma, Husserl critica a aplicação do método de pesquisa das ciências naturais às ciências do espírito (sociais), dessa forma, erguendo uma única perspectiva de mensurar o saber e a verdade. Em contrapartida, o método fenomenológico de Husserl se sustenta pelo emblema de “ir até as coisas mesmas”, que consiste em tomar o fenômeno como ponto inicial para que se possa compreender o fundamento e essência daquilo que se apresenta (Ewald, 2008).

Pensando a respeito do método fenomenológico e, introduzindo o conceito de redução fenomenológica, Bello (2006, p.23), afirma que:

Como o que nos interessa é o sentido das coisas, deixamos de lado tudo aquilo que não é o sentido do que queremos compreender e buscamos, principalmente, o sentido. Husserl diz, por exemplo, que não interessa o fato de existir, mas o sentido desse fato (BELLO, 2006, p.23)

A redução fenomenológica-transcendental ou epoché (abstenção), se refere ao movimento de colocar entre parênteses todas as questões que não se referem ao sentido do fenômeno, aquilo que é particular do sujeito que está percebendo o fenômeno, não desconsiderando a sua relação com a realidade, mas, indo além disso. Nesse movimento de consciência da essência do fenômeno, não há alteração no fluxo do fenômeno, mas, há mudança na atenção dada ao fenômeno por parte de quem o experencia (Cerbone, 2012) .

A partir da noção de redução fenomenológica é necessário falar sobre o conceito de intencionalidade. Cerbone (2012) coloca que, a intencionalidade tem um caráter definidor da experiência, uma vez que ela se refere ao sentido que é atribuído às coisas, ou seja, os objetos são intencionais, pois eles possuem sentidos que foram atribuídos pela consciência.

Ponciano Ribeiro (2016) fala sobre esse sentido que é atribuído às coisas, referindo-se ao ato de escolha, quando o indivíduo escolhe, ele está transformando o seu processo de existir. Ele fala que as escolhas são tomadas quando percebemos a totalidade à nossa volta e assim conseguimos ordenar nossas necessidades.

No decorrer do desenvolvimento da fenomenologia, vários filósofos foram atraídos por suas ideias, criando-se vários círculos de pensadores e pesquisadores. Nestes círculos, além do estudo da fenomenologia, foi dado corpo e a inserção de novas ideias. Husserl se aposenta em 1928, porém, a fenomenologia segue em curso. Martin Heidegger foi assistente de Husserl e foi uma figura importante que, trouxe contribuições tanto para o movimento fenomenológico, como também para existencialismo (Ewald,2008). Mais adiante nos deteremos mais em sua fundamental contribuição à análise da existência.

2.2 EXISTENCIALISMO

Antes de adentrar no movimento filosófico existencialista e listar alguns dos conceitos básicos de visão de indivíduo e realidade, é necessário nos atentarmos ao que PENHA (1982) fala acerca dos diversos pensamentos existencialistas, onde segundo o autor, cada tipo de raciocínio vai coincidir com as experiências muito peculiares de cada autor, entretanto, chamando atenção também para que não se reduza a totalidade dos pensamentos apenas às vivências.

O existencialismo eclodiu após a segunda guerra mundial, quando a Europa estava passando por uma crise geral, essa filosofia trouxe perguntas e explicações acerca dessa realidade, trazendo tanto adeptos à pesquisa científica nesse tema, como também moldes de estilos de vida, por outro lado, também atraiu vários críticos que, não apoiavam as ideias e a forma como os existencialistas levavam a vida. Inclusive, neste período, todas as pessoas que fugiam do padrão vigente da sociedade, eram rotulados como existencialistas. O movimento possui vários autores que muito contribuiu teoricamente, dentre os diversos filósofos, pode-se apontar Kierkegaard como um dos precursores do movimento, Heidegger que fez ligação entre fenomenologia e Existencialismo e, Sartre que teve grande ascensão durante as décadas de 50 e 60. (PENHA, 2982)

Segundo Penha (1982), Soren Kierkegaard (1813-1855), estruturou sua filosofia num movimento de reação, opondo-se ao pensamento de Hegel (1770-1831) que, procurou condensar a realidade através de sistemas, Para Hegel era possível explicar tudo através de princípios que se articulavam de forma ordenada. A existência humana na visão de Kierkegaard, não pode ser explicada através de sistemas abstratos pois, a realidade é concreta e individual, cabendo a cada pessoa singularmente conhecer essa realidade.

Kierkegaard cresceu num núcleo familiar de evangélicos luteranos, muito rígidos, após a morte de seu pai ele se tornou pastor. Porém, não se conteve em realizar críticas às práticas das igrejas luteranas, as acusando de estarem distantes da verdadeira essência cristã. Kierkegaard escudava o singular, o íntimo, o individual do homem, opondo-se ao geral, às abstrações generalizantes. (PENHA, 1982).

Acerca da contraposição entre o geral e individual, Caes (2011) em sua análise às obras Kierkegaardianas, descreve a visão de indivíduo na concepção de Kierkegaard. Ele criticava o domínio do estado na subjetividade do indivíduo, que acabava tirando do sujeito a possibilidade de decisão. Quando esse domínio é aceito, as pessoas se fecham dentro de um conceito e saem da ideia de concepção que, diz respeito a algo em constante movimento. Kierkegaard coloca que, quando o sujeito tem consciência e não é dominado pelas massas, ele consegue realizar o processo de individualização que, ocorre de maneira particular em cada pessoa.

Ao pensar sobre o processo de individualização, pode-se inserir o pensamento de Kierkegaard acerca dos tipos de existência e consequentemente nas ideias de autenticidade, inautenticidade e desespero. A autenticidade se refere ao estado de quando o indivíduo se coloca como ele realmente é, quando ele se desprende daquilo que é imposto sobre ele, ser autêntico é uma possibilidade ontológica. (OLIVEIRA, 2003). O autor fala também do estado de inautenticidade, que seria o oposto de autenticidade, o indivíduo está alienado pela massa e acaba perdendo o seu eu. Quando o sujeito procura ser quem ele verdadeiramente é (autenticidade), ele se depara com a sua liberdade e desespera-se diante das possibilidades de escolhas.

Heidegger (1889-1976), fez questão de reforçar a sua diferença com o existencialismo. Segundo ele, o existencialismo se atenta à análise do homem, ele se apresenta como um analista existencial, pois, não tinha interesse pela existência e os problemas atrelados a ela, mas sim pela questão do ser. O ser é aquilo que cria e busca o sentido das coisas. Heidegger cria o conceito de *dasein*, que é um ser definido em determinado tempo e espaço e que é singular e concreto, esse ser pergunta e busca o sentido do ser, e por ser um ser dentro do espaço, é um ser-com, pois ele convive e se relaciona com outros *dasein* (PENHA,1982).

Sartre (1905-1980), foi uma figura importante para o movimento existencialista, tendo em vista sua popularidade tanto positiva, quanto negativa. Seus escritos foram, e, por vezes ainda são negativamente ou apaixonadamente incompreendidos. A sua principal obra foi *O ser e o Nada* (1943), onde ele profundamente descreve sua teoria existencialista.

Sartre acerca da afirmativa “a existência precede a essência”, coloca que o homem ao vir ao mundo ele não é definível, sua essência surge com o passar de seu desenvolvimento. Penha (1982, p 45), acerca dessa ideia, traz que:

O homem é antes de mais nada um projeto que vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre, ou um couve-flor. Nada existe anteriormente a esse projeto; nada há no céu inteligível, e o homem, diz Sartre, será antes de mais nada o que tiver projetado ser. Se, no homem a existência precede à essência, ele será aquilo que fizer de sua vida, não havendo nada, além dele mesmo, de sua vontade, que determine o seu destino (PENHA, 1982,p. 45)

Sartre divide a existência em duas categorias, o em-si, que são as coisas materiais, que não tem consciência, não são auto reflexivas (animais, plantas, objetos) e, o ser-para-si que é o indivíduo, o ser que tem capacidade de auto reflexão, esse homem nada mais é do que um projeto de si mesmo, ele existe na medida em que vai realizando suas escolhas frente às suas possibilidades. A existência precede à essência, se a essência viesse antes, o homem não seria livre, sua existência já estaria posta. O homem é livre, ele é responsável por suas escolhas e pelas consequências destas. Ele é livre dentro das condições de onde está inserido. Quando o indivíduo se depara com essa liberdade, ele se angustia, pois percebe que tem de escolher seu futuro pelas suas ações, sem ninguém para garantir-lhe como será esse futuro. De acordo com Sartre, esse desespero frente às suas escolhas é positivo, pois o obriga a agir (PENHA ,1982).

2.3 HUMANISMO

O Humanismo foi um movimento filosófico que surgiu na Europa renascentista nos séculos XV e XVI, opondo-se à mentalidade teocrática que era imposta na época. Essa oposição se deu pela necessidade de voltar o olhar para o homem, o colocando nesse momento como centro do universo (antropocentrismo). O movimento iniciou-se apenas no âmbito literário e depois foi ganhando novos espaços e centros culturais (LARA, 1990). O pensamento humanista considera o homem como centro de todas as coisas e o confere a capacidade de direcionar sua vida de acordo com o que lhe faz sentido. Ribeiro (2016 p.24), ressalta a importância da visão humanista dentro da psicoterapia, já que diz respeito a um movimento que promove a percepção da pessoa como integrada, coerente, dinamicamente funcional, caminhando decidida na direção da redescoberta do corpo e de suas potencialidades, da alma e seus mistérios, do ambiente e sua magia.

2.4 TEORIAS DE BASE

2.4.1 Teoria da gestalt

A teoria da Gestalt foi fecundada nos anos 20 por Max Wertheimer, dentro de outro movimento conhecido como estruturalismo. Essas correntes de pensamento se opuseram à corrente elementarista, especificamente o behaviorismo. A corrente elementarista percebia o fenômeno como sendo igual à soma de suas partes. Nessa época, o Behaviorismo imperava no meio de produção acadêmica e sua consistência teórica entendia que os fenômenos se davam por meio de determinado acúmulo de informações sobre determinado sistema, com o acúmulo de informações sobre esse sistema, aconteciam várias associações, até chegar num sistema complexo de padrão de hábitos . ,Neves (2012), coloca ainda que ideia da psicologia da Gestalt consistia na explicação dos fenômenos através do estudo isolado de suas partes e da relação que ocorre dessas partes com o sistema (todo). Ou seja, também podemos falar que a teoria da Gestalt estudou a percepção humana e, como ela se dava por meio de uma estruturação de partes.

2.4.2 Teoria de campo

A teoria de Campo foi pensada por Kurt Lewin dentro de suas pesquisas sobre motivação do comportamento. No final do século XIX a física estava aceitando a noção de campo que, dentro dessa ciência, tem um caráter objetivo. A visão Lewiniana de Campo surge como sendo uma teia de relacionamentos que está dentro de outra teia maior. Segundo Ewangelista (2010), com base na teoria Lewiniana, existe um campo psicológico que se refere ao espaço vital de cada indivíduo, esse espaço é resultado da interação do indivíduo com o ambiente.

Desta maneira, pode-se dizer que, a Teoria de Campo se refere à tudo que se relaciona com a forma de o indivíduo perceber, sentir e se comporta diante das situações cotidianas, comportamento esse que é definido através da sua visão de mundo, advinda do seu campo vital. Este campo vital se constrói dentro do contexto que o indivíduo está inserido e nas relações que ele estabelece com outros indivíduos (campos vitais) (EWANGELISTA, 2010).

2.4.3 Teoria organísmica-holística

Kurt Goldstein (1878-1965) foi o criador da teoria organísmica, os primeiros passos dessa ideia surgiram no seu livro *The organism*, onde ele apresenta um método diferenciado para estudar os seres, principalmente os humanos, o método holístico. Lima, (2005) enfatiza entretanto, a observação que Goldstein procurou estudar através do seu método holístico numa ótica biológica, não psicológica. Mesmo assim, essa teoria foi imprescindível para embasar a visão de homem na Gestalt-terapia. O método holístico de Goldstein visava compreender o organismo como um todo e não como a soma de suas partes, pois na sua visão, as partes se comunicam com o todo e qualquer estímulo que ameace uma das partes, causará um desequilíbrio no todo (LIMA,2003).

Ou seja, a visão holística de Goldstein muito contribui posteriormente para a Gestalt-terapia, compreender o ser humano em todas suas esferas, se opõe à estudos reducionistas, enxergando todas as estruturas que compõe e se intercomunicam, não havendo dissociação dessas partes. Goldstein também traz a definição de auto-regulação organísmica que, seria a maneira como um organismo interage com o mundo, se adaptando a essas trocas.

Sobre a auto-regulação Lima (2003, p 49), mostra que esse lidar com o meio pode se dar tanto através de reações de aceitação e adaptação, como através de reações de fuga. Quando o sistema é ameaçado pelo meio, a retirada do contato é uma tentativa de adaptação.

2.5 GESTALT-TERAPIA

O nascimento da Gestalt terapia bem como sua obra de marco inicial, são discutidas e dividem respostas, não havendo marcos certos e precisos. Frederick Perls (1893-1970) mais conhecido como Fritz Perls, juntamente com outras importantes figuras como Laura Perls, Paul Goodman, Isadore From, dentre outros, estruturaram os fundamentos teóricos e práticos do que se conhece por Gestalt terapia que, por volta das décadas de 40 e 50 se expandiu pela Europa (Juliano, 1992).

Em 1951 Fritz Perls fundou o Instituto de Gestalt de Nova York, um grupo de pessoas conhecidas de Fritz se juntaram a ele, entre eles Paul Goodman e Paul Weiss. As reuniões aconteciam na sala de espera de maneira informal. A primeira aula dada por Fritz contou com 40 pessoas, logo após sendo dividido metade para Laura. Juliano (1992) ressalta a importância de Laura na Gestalt e na sua construção, apesar de ter escrito pouca coisa, ela muito trabalhou temas como contato e suporte.

No Brasil a Gestalt-terapia se inicia por volta dos anos 70 com Thérèse Tellegen que na sua busca de trabalho com grupos foi à um workshop em Londres, onde ficou impressionada com a forma que a terapeuta se colocava no grupo, em que se permitia criar e ser autêntica. Ainda nos anos 70, Thérèse publica seu livro “Elementos de psicoterapia gestáltica”. Em 1981 Tellegen e mais um grupo de colegas fundam o Centro de Estudos de Gestalt de São Paulo (JULIANO, 1992).

Para pensar em psicoterapia na abordagem gestáltica, é necessário a compreensão de alguns conceitos norteadores da prática. Um dos princípios basilares é o aqui-agora. O aqui-agora se refere ao espaço e tempo, onde eles estão numa relação de interdependência. O aqui-agora diz respeito à presença plena de alguma coisa, é neste momento que o indivíduo está fazendo suas escolhas, mesmo que seja olhando para o passado ou para o futuro. O cliente na Gestalt-terapia é levado a pensar nas suas escolhas no presente momento, hoje e neste momento. Ribeiro (2016 p. 70), traz que:

Aqui-agora, eu sou eu e a consciência desse fato cria uma sensação quase ontológica de mim sobre mim mesmo, como um ponto de indiferença criativa, como um vazio fértil, como um sutil ponto de poder, e é a partir desse momento de inteireza que tudo se torna possível (RIBEIRO, 2016, p.70).

Ao falar em sujeito no aqui-agora, no tempo presente, também se fala da relação que esse indivíduo estabelece com o ambiente e consigo mesmo. O ser humano possui diversas demandas e o organismo, corpo-mente, emite respostas para cada uma naturalmente. Quando o indivíduo a nível consciente ou inconsciente negligencia os limites e as respostas dessas demandas, através de um processo espontâneo acontece o ajustamento criativo. Ribeiro (2016) também diz que as

doenças físicas e mentais, podem ser formas extremas do organismo realizar o ajustamento.

O ajustamento se dá em duas situações, a primeira é quando o indivíduo apresenta alguma necessidade e ele consegue a suprir através de mecanismos internos, o organismo age como um todo, onde as partes se relacionam num sentido de cooperação esse processo é chamando de centragem. Na segunda situação o organismo apresenta alguma necessidade e vai racionalizar como pode suprir essa necessidade através de elementos externos ao indivíduo, chama-se esse processo de equalização (RIBEIRO, 2016).

Sendo assim, pode-se pensar em ajustamento criativo como uma função espontânea de prevenção primária do organismo, Ribeiro (2016) fala que quando o organismo se ajusta através de uma doença e nisto o indivíduo podendo correr o risco de perder os limites e não se ajustar, são necessárias ajudas psicoterápicas e medicamentosas.

O awareness é uma palavra importante para se pensar na Gestalt-terapia, sua tradução não é exata, mas pode-se dizer que é a tomada de consciência da consciência, um processo de tornar-se consciente aqui-agora (RIBEIRO, 2016). O autor fala que essa tomada de consciência diz respeito à um encontro da totalidade do indivíduo, ou seja, ele se percebe como alguém singular. Se o sujeito se percebe como alguém singular e se sente integrado, ele consegue enxergar suas potencialidades e toma escolhas mais congruentes, que fazem sentido para si. No processo terapêutico, o terapeuta guiará o indivíduo ao awareness, à tomada de consciência de si.

Ribeiro (2016) ao falar sobre o awareness no processo psicoterápico coloca que:

Não ocorre mudança sem que a pessoa passe por um momento de consciência emocionada ou consciência de totalidade emocional, cujo processo, além dos efeitos previstos, poderia chegar ao nível transcendental (p. 75)

O awareness é um processo que acontece naturalmente, porém, é preciso busca-lo, quando o indivíduo consegue o realizar, ele se percebe como uma totalidade e também capaz de tomar decisões que lhe façam sentido, o processo pode ser dolorido para o sujeito, tendo em vista que é um abandono de algumas ideias e práticas que colocavam o sujeito numa zona de conforto.

2.6 A PSICOTERAPIA INFANTIL DE ABORDAGEM EXISTENCIAL-FENOMENOLOGICA

2.6.1 O contexto da psicoterapia infantil

O método psicoterápico com crianças tem suas matrizes na teoria psicanalítica, com valorosos nomes como Freud, (1980); Klein, (1981); Mannoni, (1981, 1983); Winnicott, (1975, 1978). Nas últimas décadas essa prática com crianças tem ganhado novos olhares, teorias e práticas, a respeito da psicoterapia infantil de abordagem existencial fenomenológica, sua colaboração teve início na Abordagem Centrada na Pessoa (Rogers, 1978; Axline, 1982) e, há pouco tempo na Gestalt

Terapia (Oaklander, 1994; Carrol, 1996; Cornejo 1996; Aguiar 2001; Crocker 2001) (AGUIAR,2005).

Para começarmos a falar sobre psicoterapia Infantil, é pertinente falar sobre a infância e o seu lugar na história. Nas famílias medievais, essa instituição era composta por um grande número de pessoas, não havia essa valorização de sentimentos maternos e as crianças eram vistas como pessoas normais, “pequenos adultos”, eram educados por várias pessoas sem distinção de faixa etária. A separação entre atividades privadas e públicas não existia, o que imperava era o modo de viver em coletividade (AGUIAR,2005).

Com as mudanças político-econômicas, mais especificamente a introdução do capitalismo, houve uma alteração na estrutura dessa família, uma vez que, a criança passou a ser vista como alguém que futuramente poderá contribuir com sua mão de obra, esse olhar fez com que a família se reestruturasse num modelo nuclear, ou

seja, um casal com filhos. Progressivamente surgiram a escolarização para essas crianças, a pedagogia e a pediatria (AGUIAR,2005).

Aguiar (2005) relata sobre o início do trabalho psicoterapêutico com crianças, tendo iniciado com as contribuições teóricas de Freud (1980) acerca da etiologia das neuroses. Segundo esta autora, Freud traz um novo olhar para infância, sendo esta a fase que determina o desenvolvimento do sujeito e suas possíveis patologias. Posteriormente com as publicações de Freud (1980) acerca da sexualidade infantil - comprovadas pelo caso Hans (Freud, 1980) -, foi possível observar que a criança poderia se beneficiar com uma interpretação. Por meio disso, foi constatado que a criança podia ser afetada por aquilo que via e escutava, apresentando assim um campo de atuação com as crianças com o objetivo de beneficia-las.

Acerca desse processo de elaboração na Gestalt terapia Aguiar (2005), relata que dentro da Gestalt terapia, a criança vai em direção à um processo de transformação ativa do seu meio, desta forma, suprindo suas necessidades.

2.6.2 A psicoterapia infantil de abordagem fenomenológico existencial

Com as novas visões sobre o indivíduo que emergiram principalmente no período pós-guerra, momento da eclosão do existencialismo, houve um fato ímpar para novas perspectivas de psicoterapia com crianças, sendo este a publicação do livro de Virginia Axline, com o título “Ludoterapia”, sua edição original foi publicada em 1947. Axline trouxe uma perspectiva destoante da psicanalítica e apresenta uma atuação fenomenológica existencial, o processo terapêutico é totalmente centrado na criança e o terapeuta se coloca minimamente, de forma discreta (AGUIAR, 2005).

Dentro da visão de Axline, Aguiar (2005) exhibe que os princípios básicos para que haja compreensão e assim, seja possível o trabalho terapêutico, são:

A aceitação da criança exatamente como ela é, o respeito pelo seu tempo e pela sua capacidade em resolver seus próprios problemas, a não-diretividade das suas ações ou conversas, o estabelecimento de um sentimento de permissividade e o desenvolvimento de uma sólida relação de confiança entre a criança e o psicoterapeuta. (p.35)

Após as contribuições de Axline à psicoterapia infantil fenomenológico existencial, e com o surgimento da Gestalt terapia, ampliou-se as contribuições desta na psicoterapia com crianças. As obras de Violet Oaklander (1980) mantiveram a visão de indivíduo baseado na teoria fenomenológico existencial, entretanto, traz uma modificação no que diz respeito a conduta do terapeuta no processo, assumindo um lugar mais ativo com o objetivo de ampliar a consciência da criança (AGUIAR, 2005).

2.6.3 A abordagem gestáltica com crianças

2.6.3.1 Contato

Quando pensamos na abordagem gestáltica, nos remetemos à uma atuação de inúmeras possibilidades que, se sustentam em alicerces filosóficos e teóricos que vão nortear a intervenção terapêutica. A Gestalt também pode ser mencionada como uma terapia de contato que, diz respeito à relação que o sujeito estabelece consigo mesmo, uma consciência do aqui-agora. Ribeiro (2016) acerca do contato acrescenta que:

O contato é, portanto, o existencial que nos leva à essência mesma da pessoa, na medida em que mostra como as pessoas fazem suas escolhas e por meio delas revelam o mais íntimo de seu ser (p.93).

Violet Oaklander traz contribuições acerca do desenvolvimento da criança, quando esta tem oportunidade de um desenvolvimento sadio, continuo dos sentidos, do corpo, dos sentimentos e do intelecto, ela firma uma base segura do senso de eu. Quando esse senso de eu é bem definido, a criança consegue estabelecer contatos mais seguros com as pessoas a sua volta. Grande parte das crianças necessitadas de ajuda psicoterápica, apresentam alguma dificuldade nas suas funções de contato. Esse contato se instrumentaliza por meio do olhar, falar, tocar, escutar, mover-se, cheirar e sentir o gosto (OAKLANDER, 1980)

Ainda acerca do contato que a criança faz consigo e com o mundo, Oaklander diz que, com o fato da criança que possui um senso de eu fragilizado, não se enxergando boa o suficiente, ainda assim, há em algum nível uma vontade forte de sobreviver. Para que consigam o seu crescimento, a criança com o objetivo de se

afastar de tudo que lhe é doloroso, adotam comportamentos que parecem servir para seu avanço, segundo Oaklander (1980, p. 74), as crianças,

Poderão agir de modo agressivo, hostil, irado, hiperativo. Poderão se recolher para mundos de sua própria criação. Poderão falar o mínimo possível, ou talvez nada. Poderão vir a ter medo de todo mundo e de tudo, ou de alguma coisa em particular que afeta sua vida e a todos com ela envolvidos. Poderão se tornar exageradamente solícitas e “boazinhas”. Poderão se apegar de forma irritando aos adultos em suas vidas [...] não há limites para o que a criança pode fazer na tentativa de atender suas necessidades.

2.6.3.2 Awareness e consciência

Awareness é um dos temas basilares da Gestalt e, possui uma certa complexidade quanto ao seu significado e compreensão. Ribeiro (2016, p. 74) diz-nos que, “podemos entender o Awareness como a consciência da própria consciência, o processo que se dá conta da própria consciência”. A Gestalt percebe o indivíduo como constituído de partes, o ser é concebido por partes que se comunicam entre si. O processo do Awareness é dado como uma sensação de integração de todas essas partes, de forma consciente e reflexiva.

No seu trabalho de Gestalt terapia com crianças, Violet Oankleder busca a tomada de consciência da criança sobre si e sobre o mundo a sua volta. Ela comenta que cada terapeuta deve buscar seu estilo, de maneira que consiga orientar e dirigir a sessão e ao mesmo tempo seguir a direção da criança (OAKLANDER, 1980)

No seu trabalho de construção da consciência do eu da criança, Oaklander (1980) para fortalecer as funções de contato e para o reforço deste consigo e com o mundo, a consciência da criança é direcionada para a percepção sadia das suas funções de contato e seu próprio organismo, buscando novos comportamentos.

A consciência é o que dá significado e organização no mundo interior da criança, com a prossecução da consciência na criança, ela toma consciência do seu corpo e do que aquilo é para si e para o outro. Quando a imagem corporal é formada, a criança observa o corpo como sendo um todo, onde as partes se relacionam entre si. Dessa forma, a criança começa a dialogar consigo mesma interiormente (ANTONY, 2012).

O desenvolvimento da consciência possibilita à criança, realizar abstrações e assim ela tem consciência do seu ato de pensar sobre suas ações e as dos outros ao seu redor. Aproximadamente aos oito anos de idade, a criança começa a identificar seus gostos e preferências pessoais, essa expansão proporciona a diferenciação do outro. Com isso, ela passa a se conscientizar de seu eu subjetivo, criando uma representação mental do eu e do mundo. Assim, a criança toma consciência que é um todo (eu), dentro de outro todo (família, escola) que, está inserido em um todo maior (sociedade). Antony (2012) traz que:

Esse é o caminho da conscientização de que é um ser-no-mundo, um ser-com-o-outro-, um ser-para-o-outro que reconhece a importância do outro em sua vida e do seu valor para o outro, fundando o sentido de sua existência como um ser capaz de relações de reciprocidade. (p. 36)

2.6.3.3 Autoregulação

A auto regulação é um processo inerente ao indivíduo, sendo mencionado como um instinto de autopreservação. Esse processo ocorre quando o organismo está descompassado da totalidade, quando não há capacidade de responder a uma série de estímulos, fazendo com que o organismo se autorregule na busca de conservação de sua saúde (RIBEIRO, 2016).

Esse processo de autorregulação no bebê é inerente desde seu nascimento, o seu organismo é orientado para a satisfação de suas necessidades e para a manutenção de seu equilíbrio. A auto regulação se dá na hora da alimentação (quando ele chora para mamar), na hora do sono, no choro decorrente de um desconforto físico-corporal (frio, dor, fome), ocorrendo assim uma reivindicação orgânica por parte do bebê (ANTONY, 2012)

A conduta dos pais frente às necessidades da criança, podem ser positivas, ou negativas quanto à harmonização do processo auto regulador. Quando os pais não conseguem entender e atender as reais necessidades da criança, pode haver a interferência na capacidade e no ritmo natural do organismo em realizar determinada atividade. Antony (2012, p.29) coloca que, os pais devem respeitar essas

necessidades funcionais de auto regulação para não estressar seu sistema psicofisiológico imaturo. A relação que a mãe estabelece com as necessidades do bebê, atendendo seus apelos primitivos, ensina para a criança gradualmente regular seus impulsos, emoções e administrar expectativas externas.

2.6.3.4 Contexto familiar

A família desempenha um papel básico no desenvolvimento humano, principalmente no período da infância, sendo o de confirmação do ser humano em sua especificidade, promovendo sua diferenciação do outro, como coloca Aguiar (2005). A família ao mesmo tempo que é uma instituição responsável por acolher, proteger e satisfazer seus membros, também é responsável por frustrar e aceitar as diferenças, sendo uma difícil tarefa para algumas famílias.

Acerca desse papel basilar que é a confirmação, a família se mostra responsável por oferecer para a criança confirmações iniciais que vão ajudá-la a criar um senso de eu, além de proporcionar a capacidade de ponderação entre necessidades pessoais e necessidades do meio. Para que haja essa confirmação, é necessário que a criança seja confirmada como um todo, incluindo todos os sentimentos e necessidades desta, mesmo que sejam desagradáveis (AGUIAR, 2005).

Um sentimento bastante comum nas crianças e que os pais têm dificuldade de aceitar é o sentimento de raiva, Aguiar (2005) fala que, dentro da perspectiva da confirmação, a raiva é um sentimento que deve ser confirmado, para que a criança entenda que a raiva está dentro do campo dos sentimentos e que, a sua existência não exclui o amor que ela sente pelas pessoas, ressaltando que isso não significa aceitar qualquer comportamento agressivo por parte da criança, mas sim explicar à criança e buscar com ela, formas mais significativas de experimentar a raiva.

A família desempenha uma tarefa paradoxal, que é a de manter a coesão dentro do grupo familiar e, ao mesmo tempo, promover e preservar a diferenciação. Concluindo assim que um grupo familiar que mais se aproxima de um

funcionamento sadio é aquele que mantém um equilíbrio entre essas duas funções, respeitando assim, as fronteiras de contato (AGUIAR, 2005).

A família pode se encontrar cristalizada em algum dos polos do paradoxo, algumas são bastante misturadas, simbióticas, não dando espaço para a diferenciação entre seus membros, rejeitando opiniões e comportamentos contrários, para a família se sustentar, todos têm que ser iguais. Do outro lado, temos famílias onde os membros se apresentam totalmente divergentes, não há momentos juntos e é cada um por si. Nas famílias sustentadas pela confluência, ou seja, onde não há espaço para a diferença, há um bloqueio no crescimento individual, o objetivo a ser trabalhado nessas famílias é a aceitação das diferenças e consequentemente a aceitação do outro como ele se apresenta. Na outra polaridade, das famílias que não há nenhum tipo de coesão, o objetivo a ser trabalhado é a reflexão sobre os papéis na configuração familiar, buscando reconfigurar essas funções, reconhecendo e aceitando essas diferenças, manuseando-as de forma construtiva (AGUIAR, 2005).

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA CLÍNICA

O estudo de caso aqui relatado surgiu por meio dos atendimentos prestados na clínica escola do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, por meio do estágio curricular. Os atendimentos são oferecidos às comunidades de Natal- RN e proximidades. Este estágio proporciona o manejo dos conhecimentos obtidos durante o curso, oferecendo assim, acolhimento e auxílio aos usuários.

O caso que será esmiuçado teve sua transcurso numa visão fenomenológico-existencial, baseado na Gestalt-terapia, mais especificamente a psicoterapia infantil gestáltica, visto que se trata de uma criança. Adiante nos adentraremos nos detalhes do caso. A criança receberá um nome fictício de “Joaquim”.

3.1 APRESENTAÇÃO

Joaquim, doze anos de idade, encontra-se no 5º ano do ensino fundamental em escola de rede municipal de ensino; tem um irmão por parte de mãe. Teve sua estrutura familiar alterada aos três anos de idade, quando sua mãe que tem problemas com alcoolismo, o abandonou e deixou a responsabilidade com o pai que, é dependente de drogas e é diagnosticado com esquizofrenia aguda. O pai de

Joaquim morou na praia com ele durante quase um ano, passado isso, recorreu à sua irmã que hoje cuida de Joaquim, tornando-se responsável por ele.

Os atendimentos ocorreram na clínica escola do Centro Universitário do Rio Grande do Norte, numa sala adaptada ao atendimento com crianças, salas de ludoterapia. Os atendimentos duraram sete meses, perfazendo um total de dezesseis sessões ludoterápicas, mais dois retornos com a responsável.

A queixa inicial partiu da tia, sua responsável, que estava preocupada com o comportamento do sobrinho: bastante agressivo na escola, destruía objetos de sua tia, roupas, plantas e móveis; a tia escondia as facas de casa, com medo de Joaquim usa-las para destruir mais coisas; ela relata que ele é muito eufórico, agitado. Esses comportamentos tiveram início aos oito anos de idade de Joaquim. Joaquim tem um histórico de rejeição familiar por parte de seus pais e sua tia foi a

única, dentre outros familiares (avó materna e tios maternos) que se dispôs a cuidar da criança.

A tia de Joaquim cobra uma conduta de adulto à criança, reclamando constantemente sobre o modo como ele age, ao chegar na clínica para os atendimentos, ela sempre reprimia algum comportamento, sem levar em consideração o local. Joaquim também trazia em nossas conversas os desentendimentos que tinha com sua tia.

3.2 SESSÕES, VÍNCULO E CONDUTA

Na primeira sessão foi realizada a anamnese com a tia de Joaquim, ela tem um ritmo acelerado, é bastante prolixa, por vezes apresentando falas verborrágicas. Durante toda a sessão ela trouxe os comportamentos de Joaquim, para ela negativos. A anamnese se estendeu em duas sessões, onde a tia pôde dar um panorama sobre a infância de Joaquim, apesar de não saber de algumas informações sobre os primeiros anos de vida de Joaquim. A concepção de Joaquim ocorreu quando seus pais estavam ainda em situação de rua, sua mãe ficou os nove meses morando na rua com o pai de Joaquim, a tia de Joaquim não soube dizer se a mãe realizou exames de pré-natal. A tia de Joaquim relata que desde que ele mora com ela, ele dorme bem durante a noite, não sabendo como ocorria anteriormente.

Sobre informações como desenvolvimento psicomotor, manipulações de atos voluntários e se há tiques, ela diz que ele as vezes troca algumas letras ao falar, costuma roer as unhas e puxar os cabelos quando é contrariado, quando perguntada sobre sua conduta diante essa reação, a tia disse que costuma ameaçá-lo. sobre os tiques, foi comentado o que ela já havia trazido, que ele não para quieto, é muito agitado e fica direto manipulando alguma coisa. Apesar de ser inquieto, a tia disse que ele tem facilidade em fazer amizades e de socializar. Joaquim, segundo a tia, mantém uma boa relação com ela, a relação com o seu pai se dá informalmente, quase não se veem, e sobre a mãe, Joaquim parece não querer falar sobre ela, e a mesma não mostra interesse em vê-lo.

Os primeiros atendimentos com Joaquim correram bem, ele se mostrou muito interessado com a sala, conversamos sobre os motivos dele estar naquele espaço e, delimitamos as regras. Apesar da diversidade da sala e do seu interesse visual em outros brinquedos, ele sempre me chamava para brincar de uma coisa: espadas. Quando eu perguntava quem ele era, era respondido que se tratava de Josué do Egito. Joaquim mantinha uma postura demasiadamente agressiva na brincadeira e acordamos de ter cuidado para não nos machucarmos.

Durante muitas sessões a brincadeira preferida de Joaquim foi espadas, sempre se referindo à Josué, nas suas brincadeiras ele trazia um discurso de justiça e vingança, porém, sempre voltado para o lado agressivo, de matar pessoas do mal. Procurei discutir com ele o significado de “pessoas más” e, o que poderíamos fazer com elas, ele sustentava seu discurso que, essas pessoas eram “más” e tinham que morrer por alguém do “bem”. O objetivo era buscar o significado do adjetivo mau, procurando assim o que isso causava nele. Essas pessoas más geralmente eram personagens do mal do antigo Egito. Joaquim diariamente assistia uma novela chamada “os dez mandamentos”.

Em decorrência à repetição da escolha das espadas nas brincadeiras, apontei para Joaquim este fato, colocando ainda alguns conteúdos que observei durante nossas brincadeiras: necessidade de vingança por alguém e agressividade no manejo da espada. Joaquim retrucou, dizendo gostar muito de espadas, descrevendo inclusive a estrutura de algumas. Fenomenologicamente, não busquei interpretar o brinquedo ou o ato de brincar da criança e si, procurei colocá-lo em contato com: como, o que, e por que se está brincando disso. Almejando a conscientização desse brincar. (ANTONY, 2012)

3.3 O SINTOMA COMO AJUSTAMENTO CRIATIVO

A principal queixa da tia de Joaquim desde que ele chegou, foi sua conduta agressiva com as coisas a sua volta e comportamentos “inadequados” em situações de recusa, como choro descontrolado, risadas fora de hora, grande agitação. Procurei entender a angustia da tia diante deste processo, buscando construir uma relação e mostra-la que ela é importante no processo terapêutico.

Ao escutar relatos de Joaquim acerca das brigas com sua tia e na escola, anexado à algumas condutas observáveis da tia com o sobrinho na sala de espera (chamando por adjetivos negativos), é possível notar que os contextos do qual ele faz parte, a forma como ele se apresenta, como é reconhecido e confirmado, se exterioriza de forma negativa.

Algumas expectativas sobre Joaquim dentro do seu contexto familiar, são incompatíveis com o que ele pode corresponder no momento enquanto outras podem ser realizadas, é esperado que ele não seja tão agitado, que não chore demais durante as brigas, que não destrua as coisas dentro de casa, que não corte as plantas, etc. Diante das expectativas do mundo adulto, a criança pode se contrapor e fazer o contrário daquilo que esperam dela.

Tanto no contexto familiar, quanto no contexto escolar, Joaquim é confirmado de forma negativa, é visto como o menino problema, como aquele que “não tem jeito mesmo”. Apesar das expectativas serem lançadas como “positivas” pelas pessoas que o rodeiam, a forma como ele é confirmado nesses meios é de modo sempre sem confiança, como alguém que pode fazer alguma coisa ruim a qualquer momento, fato este que, sua tia não deixa as facas ao alcance dele, não o deixa sozinho em casa, e frequentemente expressa para Joaquim seus medo acerca do comportamento da criança. Dessa forma, como diz Aguiar (2005, p. 105) a criança satisfaz sua necessidade de ser confirmada, mesmo que de forma negativa, se ajustando negativamente.

No contexto da psicoterapia, procurei dentro das atividades lúdicas reforçar um lugar positivo, primeiramente comecei a demonstrar mais o quanto eu ficava alegre em tê-lo comigo naquele horário. Dentro das brincadeiras procurei deixá-lo no lugar de “mocinho”, elogiando as atitudes positivas. Nas últimas sessões ele não

procurou as espadas, preferia brincar de fazer bolos e vender casas, o seu personagem nesse jogo era um homem muito bondoso, dava comida para os que não tinham e pagava um bom salário para a sua ajudante de bolos (eu). Nessa brincadeira procurei trazer uma reflexão sobre o quanto era legal aquilo que aquele personagem fez, reforçando a boa escolha que ele fez dentro daquela brincadeira. Em outro dia, estávamos brincando de fazer bolos, em determinado momento ele pega uma espada e diz que vai ser um bandido que vai roubar a loja, pedi para que ele trocasse de lugar e fosse o vendedor da loja que, iria se defender, para que assim ele pudesse se experimentar neste outro papel.

Em alguns funcionamentos não saudáveis, ou seja, onde o ajustamento criativo se dá de forma não satisfatória, pode-se apresentar alguns mecanismos de evitação de contato. Pude perceber que durante o processo terapêutico, Joaquim manteve uma postura de deflexão, ou seja, quando eu procurava saber sobre seus sentimentos, como ele se sentia em determinadas situações, ele mudava de assunto, fingia que não escutava ou, dizia que não sabia responder, havendo assim, um desvio daquilo que trazia sentimentos de angústia. Sendo necessário nesse momento uma conduta de respeito por parte do terapeuta.

No caso de Joaquim foi tido como objetivo terapêutico a criação de vínculo com o mesmo, para que assim fosse possível a expressão livre e espontânea dele; buscar a consciência acerca dos seus sentimentos e opiniões, fortalecendo assim uma noção de eu; confirmá-lo positivamente, apresentando assim, outras possibilidades de ser no mundo.

Joaquim ainda se encontra em processo terapêutico que, está previsto para encerrar no final de novembro de 2017, devido ao tempo limitado e à complexidade de sua história, não foi possível um maior aprofundamento. Será recomendado para a tia de Joaquim a continuidade de um acompanhamento terapêutico.

4 CONCLUSÕES

“Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras E faz doces. Recomeça.”

Cora Coralina

Ao término deste relatório me vem muitas lembranças, sentimentos e reflexões, difíceis até de organizar. Acredito que a vida seja realmente, esse eterno se recriar, reorganizar-se às suas necessidades. Passar por essa experiência de estágio clínico, me fez questionar algumas certezas, expandir meu olhar acerca da psicologia e evoluir, acima de tudo. Evolui como pessoa, tendo encontros que muito me ensinaram, também evolui profissionalmente, claro. Fui lançada na liberdade e, com ela a angústia das possibilidades. Mas novamente, não tão simples, a gente se reinventa, se recria, se redescobre. Falo a gente, nós, pois nesta caminhada muito contei com a ajuda de pessoas ímpares, meu grupo de estágio principalmente. Ter a oportunidade de compartilhar experiências, angústias, medos, ansiedades e claro, alegrias, bons momentos, também me modificou como ser humano.

Ao longo da graduação tivemos encontros edificantes, disciplinas que por vezes reclamávamos, professores que passaram a teoria com tanta paixão e que hoje, sou grata por ter conseguido articular de alguma forma durante meu estágio. O trabalho que é realizado pelos estudantes de psicologia na Clínica Escola do Centro Universitário do Rio Grande do Norte é de imensurável importância, alcançando pessoas e, de alguma forma amenizando sofrimentos. Acredito que nesta reta final, é bastante nítido a importância de nos cuidarmos, de também buscar ajuda com nossos sofrimentos.

O encontro que tivemos com cada um dos clientes e que, só assim se fez possível esse trabalho, foram de tamanho enriquecimento e amadurecimento. Agradeço especialmente ao meu encontro com Joaquim, que muito me ensinou sobre afeto, vê-lo recriar suas brincadeiras por meio dos doces, confirmou escolha pela psicologia, pelo contato com o Outro, com a oportunidade de mudança. Pude observar o quanto uma relação terapêutica pode ressignificar sentidos e servir de apoio. Não me excludo desse processo de recriação, todos os encontros que tive, me

ensinaram coisas diferentes, me proporcionaram sentimentos diferentes e aprendizados, de teoria e de vida.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. 2005. **Gestalt-terapia com crianças: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo, Livro Pleno, 326 p.
- ANTONY, S. 2012. **Gestalt-terapia: Cuidando de crianças, teoria e arte**. 1. Ed. Curitiba: Juruá., 90p
- ALES BELLO, Angela. **Introdução à fenomenologia** / Angela Ales Bello ; tradução Ir. Jacinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP : Eduse, 200b. 108 p.; 21 cm.- (Coleção Filosofia e Política)
- CAES, V. A. Concepção de Indivíduo Segundo Kierkegaard. In: SEMINÁRIO DE PÓS GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA., 2011, São Carlos. **Anais...** São Carlos: UFSCar, 2011.
- CERBONE, David R. **Fenomenologia** / David R. Cerbone ; tradução de Caesar Souza. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2012. – (Série Pensamento Moderno).
- EWALD, Ariane P.. Fenomenologia e existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, ago. 2008 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 maio 2017.
- EVANGELISTA, P. (2010). **Interpretação Crítica da teoria de Campo Lewiniana a partir da Fenomenologia**. Centro de Formação e Coordenação de Grupos em Fenomenologia. Disponível em <http://www.fenoegrupos.com/JPM-Article3/index.php?sid=14>
- JULIANO, J. C. **Gestalt-Terapia: revisitando as nossas histórias**, Revista de Gestalt, ano II, n 0 2, (pp 7- 21), São Paulo, 1992.
- LARA, Tiago Adão. "Humanismo e Cultura" In: Educação e Filosofia. nº 8. M.Gerais,. UFU, jan./jun. de 1990. MALVEZZI, R. Semiárido - uma visão holística. 1 ed.
- LIMA, patricia valle de albuquerque. "Psicoterapia e Mudança - Uma reflexão" 152 p. Rio de Janeiro – UFRJ – Instituto de Psicologia, IP. 2005.
- OAKLANDER, V. 1980. **Descobrimos crianças: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. 10. Ed. São Paulo, Summus Editorial, 362 p.
- OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. **A noção de existência autêntica em Kierkegaard**/ André Luiz Holanda de Oliveira. – Recife: O autor, 2003. 114 f.; 30 cm. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2003.
- PENHA, João da. **O que é Existencialismo**, 4ed., SP: Brasiliense, 1984.
- RODRIGUES, Hugo Elídio. **Introdução à Gestalt-terapia: /Conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica/** Hugo Elídio Rodrigues. 8 ed.